



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PORTUGUÊS**

WAGNER DOS SANTOS

**PRECONCEITOS REGIONAL E RACIAL NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DO
NORDESTE, EM VIDAS SECAS, DE GLACILIANO RAMOS, E OS SERTÕES, DE
EUCLIDES DA CUNHA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

WAGNER DOS SANTOS

**PRECONCEITOS REGIONAL E RACIAL NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DO
NORDESTE, EM VIDAS SECAS, DE GLACILIANO RAMOS, E OS SERTÕES, DE
EUCLIDES DA CUNHA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação
/Departamento do Curso de Licenciatura
em Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciado em Letras
Português.

**Área de concentração: Literatura e
Comparação Intercultural**

Orientador: Prof. Dr. Eli Brandão

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237p Santos, Wagner dos.

Preconceitos regional e racial na construção de imagens do Nordeste, em Vidas secas, de Glaciliano Ramos, e Os sertões, de Euclides da Cunha [manuscrito] / Wagner dos Santos. - 2021.

16 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Eli Brandão, Coordenação do Curso de Letras Portugêses - CEDUC."

1. Literatura brasileira. 2. Discurso. 3. Região Nordeste. 4. Racismo. I. Título

21. ed. CDD 401.41

WAGNER DOS SANTOS

PRECONCEITOS REGIONAL E RACIAL NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DO NORDESTE, EM VIDAS SECAS, DE GLACILIANO RAMOS, E OS SERTÕES, DE EUCLIDES DA CUNHA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação /Departamento do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Área de concentração: **Literatura e Comparação Intercultural.**

Aprovado em: 14/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eli Brandão (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse presente artigo a todas as pessoas que acreditaram em mim, meus pais, minhas irmãs, e em especial a minha avó Maria Liosa, por fazer parte da minha formação como Pessoa e Cidadão que sou hoje.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	07
2 NOTAS SOBRE RAÇA E REGIÃO....	09
3 DISCUTINDO NUANCES ENTRE REGIÃO E RAÇA.....	11
4 ANALISANDO FRAGMENTOS DE “OS SERTÕES” E “VIDAS SECAS”	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS	

PRECONCEITOS REGIONAL E RACIAL NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DO NORDESTE, EM VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS, E OS SERTÕES, DE EUCLIDES DA CUNHA

WAGNER DOS SANTOS

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma breve discussão sobre a relação entre região e raça no processo de construção de imagens preconceituosas do Nordeste, a partir das contribuições teóricas de Pierry Bourdieu (1989), Achille Mbembe (2014) e Albuquerque (1999), considerando estratos textuais e discursivos selecionados das obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Palavras chave: Literatura brasileira. Discurso. Região Nordeste. Racismo.

ABSTRACT

This paper presents a brief discussion on the relationship between region and race in the process of constructing prejudiced images in the Northeast, based on the theoretical contributions of Pierry Bourdieu (1989), Achille Mbembe (2014) and Albuquerque (1999), considering textual strata and selected speeches from the works *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos and *Os Sertões*, by Euclides da Cunha.

Keywords: Brazilian literature. Speech. Northeast region. Racism.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mesmo nos dias atuais, em pleno século XXI, o tema do preconceito racial associado ao tema da região ainda é muito presente na realidade brasileira e na representação literária. Embora o Brasil seja um país miscigenado, o preconceito racial ainda permanece muito manifesto em todas as regiões. Além do preconceito

racial, destaca-se também um flagrante preconceito regional, acentuadamente em relação às regiões mais pobres, como é o caso do Nordeste, Centro-Oeste e Norte. O Nordeste, por exemplo, é alvo desse tipo de agressão, principalmente por parte de pessoas que residem nas regiões Sul e Sudeste. O preconceito referido se expressa, dentre outros, em termos linguísticos, raciais, socioeconômicos e culturais. Trata-se de uma problemática que tem suas raízes aprofundadas ao longo do processo de formação do povo brasileiro e desenvolvimento econômico. O objetivo deste artigo é, a partir das contribuições teóricas de Pierry Bourdieu (1989) e Achille Mbembe (2014), discutir brevemente sobre a relação entre região e raça.

Para muitos, o Nordeste é apenas um cenário de pessoas ignorantes e inferiores. E isso piora quando, além de nordestino, o indivíduo é negro, aspecto esse que remete à imagem do escravo, de ser inferior. O preconceito se revela muitas vezes por meio de discursos e suas atitudes. Tal visão ignora a grande contribuição dada pelo negro para o desenvolvimento do país. Entendemos que discutir essa relação entre região e raça é muito relevante para a compreensão do processo de construção do Nordeste.

A partir do pensamento de Pierry Bourdieu (1989), no capítulo V do seu livro “O poder simbólico”, podemos iniciar uma reflexão crítica sobre a ideia de Região, segundo o autor:

A Região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos, é claro, que por terem que vê o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe uma política de regionalização e movimentos regionalistas, economistas e sociólogos. (BOURDIEU, 1989, p 108)

É a partir desse viés que vamos refletir sobre essa concepção de Bourdieu. Precisamos entender que a ideia que temos de Região ela é discursiva, histórica e contextual. As Regiões não são naturais, mas frutos de uma divisão arbitrária, por isso, a própria ideia de Brasil é uma arbitrariedade, uma construção discursiva por meio de narrativas de fundo ideológico.

Outro tema recorrente neste estudo será o preconceito racial. O autor contemporâneo Achille Mbembe (2014) no livro “ A Crítica da Razão Negra”, discute a questão da raça, e nos convida a pensar as diferenças no contexto social e seus impactos sobre a vida com base numa reflexão sobre o mundo contemporâneo, a partir da experiência negra. Segundo o autor, a visão do negro no mundo de hoje foi construída pelo sistema escravista nos primórdios do colonialismo. Dessa forma, em definição acaba sendo uma categoria social que se confunde com os conceitos de escravo e de raça.

Apresentaremos também brevemente considerações conceituais sobre as influências dos discursos disseminados nos textos de narrativa literária sobre a construção da identidade regional nordestina.

Por fim, iremos analisar fragmentos de obras que tenham o Nordeste como espaço de vivência o enlace raça e região, porque sabemos que no século passado começa todo um processo de pesquisa estética, política, social e cultural nas regiões brasileiras e autores regionalistas no Brasil começam a surgir, e junto com eles um discurso regionalista que vemos nos romances brasileiros.

O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 307).

Os discursos veiculados através dos textos literários e das letras de canções de autores nordestinos, que se popularizaram pelo Brasil, contribuíram para determinadas imagens que vieram a se tornar predominante, as quais, embora representassem uma parcela da realidade do Nordeste, principalmente em um determinado período da história, foram construídas a partir de um modelo de interpretação reducionista. Isso porque tais elementos imagético-discursivos foram assimilados por meio de uma compreensão homogeneizante, sendo esse entendimento fator que contribuiu para a criação de um imaginário do Nordeste de miséria, de cangaço e de atraso econômico, visão que predomina até os dias de hoje, principalmente nas regiões Sul e Sudeste.

A nossa inquietação a respeito do tema já vem de longas datas por entendermos que é um assunto pouco explorado, visto que o Nordeste ainda continua sendo alvo de preconceito racial. A escolha de duas obras literárias produzidas no âmbito do Nordeste tem em vista a busca de compreensão do ser nordestino e do espaço de vivência representados pela mimeses operada por meio do tecido literário, a saber, **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos e **Os Sertões**, de Euclides da Cunha. Como aporte conceitual, destacamos três autores que, dentro do que pretendemos, podem nos auxiliar no decorrer da construção desse trabalho.

O primeiro desses referidos autores é Pierry Bourdieu, o qual dedica um capítulo do seu livro “O poder simbólico” sobre Região, destacando todo processo de construção, social, cultural e religiosa de uma região.

Outro estudioso que destacamos em nossa pesquisa é Achile Mbembe que, no seu livro “A crítica da razão negra”, discorre sobre os conceitos de raça, mostrando as dificuldades de um povo que luta por seus direitos. O fato de ser um autor africano, um pensador sofisticado, nos faz pensar as diferenças que o mundo contemporâneo nos traz a partir da experiência negra, sabendo que a visão do negro no mundo de hoje foi construída nos primórdios do colonialismo, pelo sistema escravista.

E um terceiro autor, que ensejou num primeiro momento a escolha da problemática deste trabalho, é Durval Muniz Albuquerque Júnior, com o seu livro “A invenção do Nordeste”, que levanta hipóteses em relação às quais estabelecemos um diálogo crítico, buscando compreender questões sociais, econômicas e culturais que expressam e constroem as imagens do Nordeste do Brasil.

2 NOTAS SOBRE RAÇA E REGIÃO

O conceito de região tem sido objeto de alguns estudos, sob diversos matizes, mas nesse trabalho nos baseamos nas contribuições de Durval Muniz de Albuquerque Jr. Segundo Muniz a região pode até ser pensada como passível de múltiplas versões, mas apenas uma delas seria capaz de dizer a verdade do regional, pois a região seria uma verdade e uma essência única, autêntica. A questão envolve o discurso dos historiadores regionais que, segundo ele, estão sempre com o pé lá atrás, na tradição, nos costumes. O tema é interessante pois ainda somos seres territoriais e de modo diverso todos pertencem a alguma região.

O autor ressalta que o Brasil foi dividido em cinco grandes regiões. Que as mesmas foram criadas a partir das suas características naturais e econômicas predominantes. Diz ele que a Região em si é uma grande extensão de terreno que, pelo clima, solo, vegetação, produção econômica e outras características próprias, se diferenciam de outros territórios próximos, sendo uma área delimitada, demarcada e estabelecida. Mas, destaca ele, que essa definição não é suficiente para definir em sua plenitude o conceito de região e que é necessário entender suas nuances.

Apesar do próprio conceito de região ser pouco discutido, para Albuquerque a história do Nordeste seria o que teria acontecido no interior de seus limites, não a história da constituição destes limites. O que podemos destacar nessa ideia de região em Albuquerque é que o autor entende que o nordeste, para além da configuração territorial, não é algo dado, natural, mas sim uma construção histórica, entendendo que essa região é produto de ações humanas, e que nem sempre o nordeste foi esse lugar que conhecemos hoje, com nove (9) estados, a maior região do Brasil, na concepção do autor o nordeste é uma construção das elites nordestinas.

As discussões sobre raça atingem o mundo todo, pois é um assunto de milhares de pessoas, que sofrem preconceitos no seu dia a dia. Quando falamos de raça, não estamos discutindo apenas sobre cor de pele, mas sobre ideologias de pensamento, sobre preconceito estrutural, que inclui o indivíduo e as instituições. Podemos destacar como exemplo o povo Sírio. Os sírios são brancos, mas sofrem racismo hoje na Europa. É patente a rejeição aos sírios. O refugiado é sempre alvo de um racismo sem raça, algo que se assemelha ao que acontece em relação ao nordestino.

Como nordestino, percebo claramente essas questões raciais no país. É flagrante a desvalorização da cultura nordestina, principalmente das regiões Sul e Sudeste para com o Nordeste. O nordestino muitas das vezes é motivo de piada e chacota nas mídias sociais e redes de telecomunicação.

Um dos livros que explora esses conceitos é do autor Cornel West (1993) "Questão de Raça". O pesquisador além de ser um observador participante é negro, socialista e cristão. Uma das críticas que West destaca em seu livro é a discriminação contra as mulheres e gays nas próprias comunidades negras. O livro oferece uma perspectiva original e polêmica dos conflitos culturais que acontecem na América.

Assim diz West:

O Afrocentrismo, espécie contemporânea de nacionalismo negro, representa uma corajosa e mal orientada tentativa de definir uma identidade africana, é corajosa porque coloca no centro da discussão a conduta e o sofrimento dos negros, e não as preocupações e os medos dos brancos. É mal orientada porque fortalece os debates limitados sobre a questão racial, das ideias retrógradas acerca das mulheres negras e dos homens e mulheres homossexuais, e por fim, da relutância em associar a questão racial ao bem comum. (CORNEL WEST, 1993 p.

Na verdade, o filósofo faz um apelo no quadro atual das relações entre as raças, mostrando que existe uma falha da sociedade norte-americana acerca da questão racial. O intelectual negro na verdade não deixa de questionar alguns dos principais pilares do pensamento negro mais radical nos EUA, como o afro-centrismo.

Segundo Octavio Ianni, a literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. No mesmo sentido, observamos o quanto os

questionamentos de West são transformadores, no sentido que o conceito colocado pelo autor forma e transforma por toda a sua história.

Tomando como base o quadro nacional hoje, vemos que as questões raciais no Brasil vão além do bom senso. O Nordeste é discriminado por outras regiões, economicamente mais desenvolvidas. Será que não fazemos parte do mesmo país? É preciso discutirmos sobre essas questões e sem dúvida buscarmos soluções para que tenhamos um país sem tantas desigualdades sociais e econômicas e livre de preconceitos.

3 DISCUTINDO NUANCES ENTRE REGIÃO E RAÇA

Quando falamos que o regionalismo aciona processos raciológicos, queremos dizer que a literatura sempre foi/é um lugar privilegiado para tal conceito, visto que os autores regionalistas de uma certa forma criaram através de seus livros um Nordeste imaginário, que, embora representasse e ainda represente uma parcela do povo, certamente outra grande parte dos nordestinos não se identificam com as imagens criadas nestas obras. Isso porque o Nordeste não se esgota com as cidades do interior, mas de uma grande área urbana que vem crescendo ao longo dos anos. Acredito que muitos nordestinos se incomodam com a imagem passada para os outros estados do Brasil, pois na verdade o Nordeste não é apenas sertanejo, e entender isso nos faz pesquisar mais a respeito desses conceitos.

Para aprofundarmos mais o tema é preciso entender os conceitos de Região e Raça, nos apoiamos em Bourdieu (1989), quando nos mostra no capítulo V de sua obra “O Poder Simbólico” os conceitos de região. O autor divide esses conceitos em dois tópicos distintos, o primeiro “As lutas pelo poder de divisão” e o segundo a “Dominação Simbólica e Lutas Regionais”.

No primeiro tópico o autor explica sobre as limitações dos agentes envolvidos, seja eles individual em estado de dispersão, ou coletivo em estado de organização nas lutas sociais. Quando os dominados entram em luta de forma isolada, possuem como escolha uma aceitação submissa ou não, em relação a classe dominante, ou seja, ou o dominado se revolta contra a classe dominante ou assume um estilo de vida visando a dissimulação da imagem de si mesmo, afastando-se da sua identidade legítima. Com relação à luta coletiva, o mundo social acaba por ser definido por princípios e interesses dos dominadores. Na visão do autor, o que está em jogo é a região como objeto dos cientistas, historiadores, geógrafos, etnólogos, entre outros. Todos aspirando o monopólio da definição legítima. Em resumo, cada especialista consegue investigar um pequeno espaço de conhecimento, desconsiderando um conhecimento maior e mais amplo em relação a sua área de atuação.

No segundo tópico “Dominação Simbólica e lutas Regionais” Bourdieu(1989), diz que há uma reivindicação regionalista, ele acredita que os indivíduos deixam de reconhecer os efeitos da dominação, aceitando a reivindicação dos dominadores. Para o autor, a simbologia é imposta por leis, pois sabemos que para existir uma identidade reconhecida, é preciso que seja politicamente e juridicamente reconhecida, mostrando assim o que é diferente aos dominados. Todo esse processo exige mudança de realidade, e toda mudança provoca efeitos econômicos à região.

O pesquisador relata que a nova divisão internacional do trabalho de uma certa forma força os Estados a se isolarem e acomodarem as unidades oficialmente autônomas e incapazes de fazer frente aos capitais estrangeiros. Segundo o autor, a economia deveria se basear em princípios segundo os quais as diferentes categorias de agentes ativa ou passiva que estivessem envolvidas nas lutas regionais se distribuíssem em partidos e adversários do poder local.

Enfim, a questão interessante em Bourdieu (1989), é como ele vai articular o conceito de região a questão jurídica, então a regionalidade ela não está associada apenas a uma série de valores, a uma história comum, uma tradição, ou seja, ela está associada também a uma determinação jurídica, que delimita os territórios, e uma vez delimitado esses territórios, se constrói o motivo dessa delimitação, nesse sentido, a delimitação é motivada porque muitas vezes o que une é: a língua, as comunidades viverem do mesmo tipo de trabalho, é a tradição comum, só que tudo isso tem um aspecto ao mesmo cultural e jurídico.

Nesta breve discussão sobre os conceitos de Raça, tomamos como base o livro “A Crítica da Razão Negra” do Achille Mbembe (2014), O pensador africano tornou-se uma referência acadêmica no estudo do pós-colonialismo. Em relação aos conceitos de Raça o autor nos faz refletir através da própria vida, vendo assim o mundo contemporâneo a partir da experiência negra.

Segundo Mbembe, os mundos euro americanos fizeram do Negro e da Raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada. Ele relata que o conceito de “escravo” acaba por fundir com o de “negro”, até estes se tornarem sobreponíveis. Nesse sentido, o Negro passa de homem metal a homem mercadoria, e daí a homem moeda, como produto de troca no capitalismo.

Percebemos que a história do racismo é a história do capitalismo, uma história de submissão dos corpos, de uso e abuso dos seres neles capturados, por meio de operações eminentemente teóricas e discursivas, com efeitos perversos na prática. Assim acontece com aqueles marcados como Negros, reféns da lógica perversa da raça, criada para a manutenção de crenças e preconceitos que serve a uns em detrimento do outro.

A visão de Mbembe, relativamente a essas questões do mundo capitalista, é a de uma comunidade universal: “Só há um mundo e todos temos direito a ele”. No entanto, segundo a tese do teórico, antes que possamos criar um lar como seres humanos nesse mundo comum, precisamos tratar da história, dos traumas e das feridas.

Por fim, entendemos que o conceito de raça de Achille Mbembe (2014), tem dois aspectos: o primeiro é a construção da modernidade, sobretudo para justificar o novo conceito de trabalho, uma nova lógica do capitalismo, do capital, vai se criando a ideia de raça, e até para justificar a chegada em novos territórios e a invasão desses territórios, então a modernidade constrói essa ideia de raça, que por um lado está associada a subalternização do outro, ou seja, essa ideia de raça ela serve para justificar a exploração negra, dizendo que o negro é um quase um animal, aquele que não merece a compaixão cristã, porque o negro no ponto de vista do racista é quase um não humano, por outro lado ele expande a ideia de raça para além da questão negra, é o que ele chama de devir negro, porque os termos e as condições de vida que foram reservadas aos negros, agora passam a ser também para outros grupos, por exemplo: os sírios, os árabes, os índios, as mulheres, ou seja, o racismo se expande para além da raça.

4 ANALISANDO FRAGMENTOS DE “OS SERTÕES” E “VIDAS SECAS”

Percebemos de imediato que, nas obras de Euclides da Cunha e Graciliano Ramos, transparecem um Nordeste imaginário, mas que não deixa de ser também parte do Nordeste real. Isso porque são obras que trazem à tona um realismo social que não deixa de ser denúncia de opressão de desigualdades. De fato, a partir da representação literária dessas obras regionalistas, sulistas e sudestinos, principalmente, acabaram por criar uma imagem homogeneizada da região Nordeste. Embora a imagem do nordestino e da denúncia representada nas obras não representem o todo da região, e é preciso destacar que isso não estava no horizonte dos autores nem na pluridiscursividade da obra, o preconceito foi também alimentado por milhões de nordestinos e nortistas que migraram e se instalaram nas regiões Sul e Sudeste. Isso porque eles eram a prova viva do conteúdo das obras, visto que haviam fugido da seca, de modo que o cenário e os atores da ficção eram fiel representação de muitos deles. O processo de aculturação e assimilação cultural, levava e leva muitos nordestinos a renegarem suas origens, que no dizer de Paulo Freire, seria expressão de que o oprimido havia adquirido a consciência do opressor. Uma hermenêutica míope certamente fará uma interpretação reducionista das obras regionalistas, pois certamente o Nordeste não se reduz às imagens da seca e do mundo rural, mas também não se reduz ao urbano das grandes cidades. Neste sentido, pode-se falar até mesmo de um certo preconceito intrarregional entre o urbano e o rural, entre o pobre e o rico, além de outros como contra ciganos, indígenas, negros e mulheres.

Que relação se pode estabelecer entre a visão do nordestino, proposta por Euclides, "o sertanejo é antes de tudo um forte", ampliada e problematizada pelos autores do romance de 30, como Graciliano Ramos, e princípios raciológicos, muito em voga na virada do século XIX pro XX? É interessante atentarmos para essa discussão, pois o que vamos perceber é que, na realidade, o que a obra de Cunha deixa transparecer é que o nordestino é, na verdade, um fraco. Ao atentarmos para o nordestino que está representado em “Os Sertões”, percebemos um sertanejo mais próximo de uma sub-raça, produto de muitos cruzamentos, mas resultado de involução biológica e negação do progresso, portanto da incapaz de absorção das grandes transformações civilizatórias. Destacamos aqui um trecho da obra:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. (CUNHA, 1902)

Notamos, na riqueza da descrição dos detalhes, o quanto o narrador é pontual em seu discurso, e ao mesmo tempo contraditório. Primeiro afirma que “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Em seguida, detona de forma arrasadora, com adjetivos negativos, revelando assim o sertanejo como um fraco em todos os aspectos físicos imagináveis. A obra regionalista é detalhista ao descrever o nordestino, com qualidades desprezíveis que, somente superior aos raquíticos mestiços do litoral do

mesmo Nordeste, colocam o sertanejo como raça inferior aos demais brasileiros, o que não deixa de ser uma forma de preconceito racial, um retrato desprezível.

Outra obra que tem o Nordeste como espaço de vivência e enlace entre raça e região é “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, romance publicado em 1938, que retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos, obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. A narrativa é ambientada no Sertão, região marcada pelas chuvas escassas e irregulares. Essa falta de chuva – somada a uma política de descaso do governo com os investimentos sociais – transforma a paisagem em ambiente inóspito e hostil.

Nesse contexto de miséria, podemos perceber que a descrição que o narrador faz da região é totalmente rural, sendo o cenário de completa devastação, castigado pela seca. Todo enredo se desenvolve apresentando os efeitos da seca sobre o solo, mas também sobre o corpo, de tal modo profundos que afetam também o psiquismo. A obra é uma denúncia da exploração do modo capitalista de ser e se relacionar com os proprietários de terra. A sequeidão, para além da dimensão física, atinge o sentimento e a expressão linguística. É fato que as obras regionalistas de um modo geral se concentraram na ambientação rural, o que favoreceu a criação de uma imagem distorcida do Nordeste. Mas claro que essas obras não são a causa da visão reducionista do Nordeste. Para isso contribuíram os retirantes nordestinos que migraram para Sul e Sudeste, bem como a ignorância de muitos que mal conheciam o bairro vizinho dos municípios onde residiam e muito menos conheciam a geografia do Brasil, particularmente do Nordeste.

Vejam os um trecho do capítulo XI de Vidas Secas (1938) no qual o personagem Fabiano retrata bem o cenário e o modo de vida:

Fabiano meteu-se na vereda que ia desembocar na lagoa seca, torrada, coberta de catingueiras e capões de mato. Ia pesado, o alo cheio a tiracolo, muitos látégos e chocalhos pendurados num braço. O facão batia nos tocos. Espiava o chão como de costume, decifrando rastos. Conheceu os da égua ruça e da cria, marcas de cascos grandes e pequenos. A égua ruça, com certeza. Deixara pelos brancos num tronco de angico. Urinara na areia e o mijo desmanchara as pegadas, o que não aconteceria se se tratasse de um cavalo. Fabiano ia desprecato, observando esses sinais e outros que se cruzavam, de viventes menores. Corcunda, parecia farejar o solo - e a caatinga deserta animava-se, os bichos que ali tinham passado voltavam, apareciam-lhe diante dos olhos miúdos. (RAMOS, 1938)

As imagens do nordestino projetadas a partir das narrativas regionalistas, interpretadas por nordestinos aculturados e sulistas e sudestinos ignorantes e com presunção de superioridade cria um preconceito que se assemelha ao preconceito contra o negro, uma espécie de racismo sem raça. A discussão que queremos colocar é que não é preciso haver raça para haver racismo. Tanto o nordestino quanto o negro na visão do racista é pensado do ponto de vista do corpo, muscular, aquela pessoa com dificuldade de raciocinar. E Fabiano personagem de vidas secas é pensado dessa forma, alguém que raciocina pouco, fala pouco etc... Os críticos da obra " Vidas Secas" consideram Baleia, o cachorro, a personagem mais humana. Isso porque as outras personagens são consideradas como pré-humanas, humanoides, como bichos

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão não é que o Nordeste foi criado pelos regionalistas, pois esse Nordeste retratado nas obras tem correspondência no Nordeste real. A problemática surge por causa do reducionismo hermenêutico, pela limitação em entender a dimensão crítica e metafórica das obras, de um lado como denúncia e por outro lado em sua dimensão plurissignificativa. Ou seja, a obra está aberta a múltiplas interpretações. Pode-se de fato supor que as narrativas literárias sobre o sertão nordestino contribuíram para sedimentar uma imagem de Nordeste apenas rural e de miséria, mas é sem dúvida temerário dizer que foram as obras que criaram esse Nordeste. Isso porque as histórias sobre retirantes e as misérias da seca na região foram primeira e continuamente contadas pelos próprios nordestinos que migraram para o Sul e Sudeste como terra prometida, durante o período de industrialização brasileira. As narrativas das obras e das músicas só tiveram maior efeito no processo de congelamento de uma imagem reducionista do Nordeste porque o enredo das narrativas tinha ressonância nas histórias de vida. Daí o preconceito contra o nordestino, esse ser diferente imigrante europeu branco, “superior”, reflete sobretudo o preconceito não apenas contra o diferente racialmente, o pobre e negro ou mestiço, mas também preconceito contra tudo que a que estava ligado, suas músicas, sua comida e seus sotaques, enfim, sua cultura.

REFERÊNCIAS

ACHILLE MBEMBE. **A Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de (2001). **A invenção do Nordeste**. 2. ed. São Paulo: Cortez

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985

Gil, Antonio Carlos. In: **Métodos e técnicas de pesquisa social**- 6. ed.–São Paulo : Atlas, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.

SELLTIZ.C; WHIGHTSMAN, L. S. COOK; S. W. **Métodos de pesquisas da relações sociais**.São Paulo: Herder,

WEST, Cornel. **Questão de Raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 124p.2009.

AGRADECIMENTOS

À Deus, primeiramente.

À minha esposa, Luciene Evaristo, pela compreensão nessa trajetória.

Aos professores pelos ensinamentos dados nessa jornada acadêmica, em especial, a minha primeira professora na vida, Rosimeri, por me ensinar os primeiros passos.

À dois grandes amigos que me ajudaram neste artigo, Professor Dr. Luciano Justino e o Professor Dr. e orientador Eli Brandão, por me ajudar a finalizar esse trabalho de pesquisa.